

**GEOGRAFIA, LITERATURA E ARTE:  
CAMINHOS DA GEOARTE**

**GEOGRAPHY, LITERATURE AND ART:  
PATHS OF THE GEOART**

**GEOGRAFÍA, LITERATURA Y ARTE:  
CAMINOS DE LA GEOARTE**

*Júlio César Suzuki*

Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil

*Gilvan Charles Cerqueira de Araújo*

Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil

*Rita de Cássia Marques Lima de Castro*

Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil

A Revista de Geografia Literatura e Arte chega ao seu segundo número de 2020 com uma abertura reflexiva, prático-teórica e de possibilidades de pensamento, análise, metodologias e aproximações entre áreas do conhecimento. É nesse sentido que colocamos em evidência a ideia de Geoarte, no sentido mais amplo de expansão da geoliteratura e geopoética. A um só tempo, compreende-se a união possível e necessária entre o lastro científico representado inicialmente pela representação científico-filosófica da Geografia com as mais variadas formas de expressão do *homo poeta* nietzschiano para além das teorizações iniciais da geopoética outrora proposta por Michel Deguy e Kenneth White.

A Geoarte compromete-se com uma postura de totalização, um *continuum* que se retroalimenta pelas dimensões, fatos e fenômenos passíveis e possíveis de perpassarem os saberes e fazeres. Razão, emoção, ciência e metafísica, ora o caminho por entre o imagético, ora lançando mão do numérico, no encontro do filosófico-racional com (in)consciente do conhecimento produzido haverá a pulsão do criativo relacional no limiar do existente-existencial; é o que emana pelo texto e seus ‘com-

textos', presente nas entrelinhas de cada dado, lauda, registro, notas de pesquisa, ensaios etc.

A Geoarte presentifica-se, sulca meandros interdisciplinares, uni-diversificando filosofia, ciências, olhares, visões-de mundo, tradições, métodos, contradições e o criativo (i)nato da busca pelas inscrições do (des)conhecer-se que no perfaz. Por essa premissa e suas possibilidades e desafios apresentamos, a seguir, os artigos que compõem a presente edição da Geoliterart, em um longo e profícuo caminho.

O primeiro artigo dessa edição, *Um lugar autônomo na cidade global: uma interpretação de "What we all long for" de Dionne Brand*, é uma contribuição de Beatriz de Carvalho Monteiro, constituído com ideias, conceitos e problematizações da ensaísta, poetisa e romancista canadense, em reflexões correlacionadas das temáticas do contemporâneo global com questões de identidade, preconceito e imigração, principalmente por meio das experiências da personagem Oku, presente no romance de Dionne Brand.

Em *Análise do Cordel no ensino de Geografia visão da periferia e a violência urbana*, de autora de Julia Gabriela Lessa De Queiroz, Leandro Vieira Cardoso da Silva, Kelly Barradas Moreno, há um instigante trabalho de aproximação, diálogo e aplicação didático-pedagógica na educação básica, tendo como referência os aportes teóricos, conceitos e metodológicos da Geografia e Literatura.

Guido Lins Lopes Bragioni e Marina Araújo prospectam novas paragens ontológicas e epistemológica em seu artigo *Corpo e espaço: uma reflexão dialética acerca do objeto de estudo da geografia*. Espaço-corpo, metafísica da paisagem, a experiência do devir-vida e o entrecruzamento interdisciplinar necessário para alcançar imersões possíveis de observação, experiência e uma possível e quista alteridade da espacialidade complexa.

No estudo *Cartografia poética dos escritores modernistas em belo horizonte – MG quando arte, literatura e vida se encontram*, de Adriana Lacerda de Brito, Rosália Caldas Sanábio de Oliveira e Viviane Moreira Maciel, há uma demonstração de como elaborar um guia turístico literário. Em suas reflexões e análises geoliterárias lançam mão de ideias e conceitos como percepção, elementos epistemológicos da Geografia

Cultural, interfaces e expressões imagéticas, geograficidade e as experiências dos estares no mundo por diferentes lugares pelas paisagens da capital mineira.

Em rica argumentação, teorização e análise, Suelen Rosa Pelissaro, em seu estudo *Nonada ou a travessia: reflexões sobre o sertão de Guimarães Rosa e do Brasil*, elabora correlações históricas, econômicas, geográficas, literárias e sociais da obra de Guimarães Rosa com elementos da formação territorial brasileira, elementos simbólicos e identitários dos interiores territoriais brasileiros e a importância dessas representações geoliterárias para a compreensão do ser social.

O artigo *Turismo e literatura: análises a partir das lentes das mobilidades*, de Carla Fraga, Maria Jaqueline Elicher e Camila Maria dos Santos Moraes, oferece um amplo estudo exploratório sobre os novos platôs de conceituação sobre os lugares, o turismo e os novos paradigmas de mobilidade do olhar, ser e experiência turística. Na caminhada analítica proposta no trabalho, verifica-se, por exemplo, a ampla e íntima relação entre turismo, literatura e geografia, que fazem parte de um movimento atual e instigante de repensar o turismo e as mobilidades em dimensões geoartísticas.

Geografia e Literatura unem-se, no enlace da Geoarte, em *Vidas Secas de Graciliano Ramos: suas e outras paisagens pelas tintas naturais de solo*, de autoria de Gabriela Sabatini Barros Sales, Jeferson Rosa da Silva, Maria Luiza Felix Marques Kede e Ana Claudia Ramos Sacramento, em experiência escrita, refletida e transcrita de oficinas pedagógicas interdisciplinares voltadas às representações da literatura-paisagem de *Vidas Secas* como metodologias de ensino e aprendizagem.

Em *Cora Coralina: Uma poética sobre lugares e sabores*, Marina Rossi Ferreira, e Marcos Alberto Torres realizam uma viagem pela Geografia dos Sabores dos versos coralinos. Imagem, memória, paisagens e lugares, o alimento e a experiência, todos perpassados pela escrita e sensibilidade da autora goiana são relacionados entre si pelos autores em seu artigo como rico exercício geopoético.

Com inspiração em autores como Cecília Meireles, Sophia de Mello B. Andresen e Clarice Lispector, Valéria Cristina Pereira da Silva elabora sua contribuição à Geoliterart, intitulada *A Geografia serve, antes de tudo o mais, para fazer a viagem: real e imaginária*. A partir dos relatos e percursos de viagem da Geografia Clássica aos

modernos meios de se pensar o viajar pelas paisagens, encontramos nesse trabalho um convite singular, carregado de (re)significações das narrativas de viagem.

Em *Cotidiano e factiricade: contribuições para uma geografia da escala mínima*, Gilvan Charles Cerqueira de Araújo, inspirado pela Fenomenologia, defende a expressão literária como mediação na leitura da trivialidade fenomênica a partir de importante incursão filosófica em que categorias de análise complexas são operacionalizadas e dão densidade à argumentação, como as de epifania cotidiana, escrituração existencial e escala mínima; esta última em profundo diálogo com duas das mais essências da reflexão geográfica: escala e extensão.

Ainda nessa edição da revista de Geografia, Literatura e Arte, rememoramos os acontecimentos desse ano de 2020 iniciado com sussurros impactantes do porvir que se concretizara, meses depois, no decorrer da pandemia do vírus Sars-CoV-2. Entre confinamento e textualidades pandêmicas, Felipe Moura Fernandes apresenta, nas expressões geoliterárias, sua *Poesia é espaço (corpo)*. Em uma expressão entre poesia e crônica, Maria Amélia Vilanova Neta brinda-nos com o texto *Chove no Recife*, em diálogo com Josué de Castro em *Homens e Caranguejos*.

Na seção das resenhas, temos a leitura de Carlos Cassiano Dalto sobre o clássico *O Retrato de Dorian Gray* de Oscar Wilde, publicado originalmente em 1890. O autor apresenta, com precisão, o intertexto presente na obra de Oscar Wilde, relatando o infrutífero labor da alta sociedade inglesa em tentar ludibriar aos outros, na busca de mostrar aspectos positivos de caráter que não correspondiam à realidade de suas ações.

Recebido em 05/11/2020.

Aceito em 05/11/2020.

Publicado em 07/11/2020.